

A LÍNGUA DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: UM ESTUDO SOBRE AS PUBLICAÇÕES NA REVISTA EVENTOS PEDAGÓGICOS

Cristinne Leus Tomé¹

A “língua” dos cientistas torna-se, fora dos muros da comunidade,
uma língua estrangeira.
(Jacqueline Authier-Revuz)

RESUMO

Este artigo trata das experiências vivências pela professora que organiza a Revista Eventos Pedagógicos, revista do Departamento de Pedagogia do Campus Universitário de Sinop – UNEMAT. A revista é organizada a partir dos artigos produzidos pelo 7º semestre de Pedagogia sobre suas pesquisas realizadas para os Trabalhos de Conclusão de Curso e, também, pelos artigos da comunidade. Este texto trata do contexto acadêmico que se cria no momento de organizar uma edição da revista em que o aluno se coloca como autor de um artigo científico, como cientista divulgador de sua produção de conhecimento e como organizador de uma publicação.

Palavras-chave: revista eventos pedagógicos, artigos científicos, língua científica.

Introdução

Este artigo é resultado de um processo de análise que realizei como professora-organizadora de uma revista *online* dedicada a instigar a publicação entre os alunos do curso de Pedagogia. Como professora, venho acompanhando desde 2010 a dificuldade que se estabelece em sala de aula durante a escrita, pelos alunos, de um artigo científico.

A revista em questão é a Revista Eventos Pedagógicos, uma publicação vinculada à disciplina de Eventos Científicos da Metodologia de Pesquisa Educacional, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), na cidade de Sinop, onde trabalho. A disciplina de Eventos, com uma carga horária de 60 horas, tem como

¹ Professora do Departamento de Pedagogia, UNEMAT / Sinop concursada em Metodologia Científica. Mestre e Doutora em Educação pelo PPGEduc / UFRGS. E-mail: cristinne@unemat-net.br

ementa: “Organização, realização e publicação dos resultados da pesquisa científica no evento ‘Iniciação Científica na Educação’.” (UNEMAT, 2005, p. 119). Assim nós, professora e alunos, temos que escrever um artigo científico, organizá-los em uma coletânea, publicá-los e, ao final, realizar um evento socializando os temas resultantes das pesquisas em um evento de iniciação científica.

Isso é possível porque o percurso da pesquisa científica no curso de Pedagogia começa com a disciplina de Metodologia Científica I (45h/a) no primeiro semestre e com Metodologia Científica II (45 h/a) no segundo semestre, duas disciplinas que discutem os fundamentos da produção de conhecimento e da pesquisa científica. Do terceiro semestre em diante, a orientação da pesquisa científica toma outro rumo. Temos a disciplina de Metodologia da Pesquisa Educacional I (30 h/a) no terceiro semestre e no quarto semestre a Metodologia da Pesquisa Educacional II (60 h/a) com a iniciação de uma proposta de pesquisa que resulta no Projeto de Pesquisa do aluno. No sétimo semestre os alunos finalizam e apresentam suas pesquisas na disciplina de Metodologia da Pesquisa Educacional III (90 h/a) com a defesa dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs). Após a apresentação em Banca Examinadora, a turma do sétimo semestre encerra com a disciplina de Eventos Científicos da Metodologia da Pesquisa Educacional em que publica um número da Revista Eventos Pedagógicos, apresentando os resultados de suas pesquisas em formato de artigos científicos.

Como professora da disciplina e organizadora da revista, desde o número 1 em 2010/2, encontro sempre os mesmos gestos interpretativos dos alunos ao se referirem sobre seus artigos: uma dúvida sobre sua capacidade de escrita de um texto que possa ser interpretado e compreendido por um leitor desconhecido – a palavra *difícil* passa a ser uma constante em sala de aula.

Por que é *difícil*?

A Revista Eventos Pedagógicos

Como estrutura, a revista Eventos é editada regularmente ao final de cada semestre com as seguintes sessões:

- Seção Artigos: (obrigatório) com os artigos dos alunos do 7º Semestre do curso de Pedagogia;

- Seção Grupos de Orientação: (opcional) que contém: – Artigos dos Orientadores; – Resumos dos Orientandos que ainda não defenderam seus TCCs;
- Seção Livre: (opcional) com artigos da comunidade. O conselho editorial decide sobre a temática de cada semestre;
- Seção Entrevista: (opcional) Entrevista(s) com professor(es) ou profissional(is) sobre o tema do número.

Para a organização de cada revista semestral, converso com a comunidade acadêmica, professores e alunos, sobre as possibilidades de temáticas a serem publicadas. Assim, decidimos que o volume 1, número 1 (2010/2), teria como tema Educação e Diversidade. Já em 2011/1 (v. 2, n. 1), os alunos decidiram que o tema seria Práticas Pedagógicas, uma vez que suas pesquisas abordavam, em sua maioria, as práticas dos professores em sala de aula. Em 2011/2 (v. 2, n. 2), os alunos fecharam com o subtítulo Relatos de Experiências, tema da Sessão Livre que apresentava os relatórios de estágio, em sua maioria. Em 2012/1 (v. 3, n. 2) tivemos uma publicação em parceria com o Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* Docência no Ensino Superior, ofertado pelo curso de Pedagogia. Convidamos os professores a publicarem conosco, na Sessão Livre, e a temática do semestre foi Políticas Públicas e Multiculturalismo.

Além dos números regulares, a revista vem se dedicando também na publicação de edições especiais, investindo em outros espaços que possam fomentar a publicação na comunidade acadêmica. Assim, iniciamos com a organização de um número em parceria com outra professora do corpo editorial, com a temática Produções Inovadoras na Universidade em 2011/2 (v. 2, n. 3). Em 2012/1, abrimos o ano com a publicação do número especial Introdução à Análise de Discurso, em parceria com a Especialização do curso de Letras, Linguística Aplicado ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa (v. 3, n. 1).

Em pouco tempo, menos de três anos, a revista já publicou seis números, em sua maioria com artigos provenientes das pesquisas realizadas pelos alunos, que aprendem desde como organizar um artigo até a submetê-lo em uma plataforma de revista eletrônica. Como proposta pedagógica, os professores envolvidos com a revista vêm convidando e incentivando cada vez mais a que alunos de outros cursos e instituições

venham a publicar conosco e passem por esta experiência de que é a publicação em uma revista científica.

“A ‘língua’ dos cientistas torna-se, fora dos muros da comunidade, uma língua estrangeira”²

Com este título, inicio minha análise em compreender os motivos que levam os alunos a se assumirem como incompletos ao exercerem a autoria de seus artigos – o que os levam a considerarem-se como assujeitados a um opaco-dizer quando se assumem sujeito-autores?

No título trazemos a imagem de *muros da comunidade*. Os muros que cercam nossos alunos fazem referência do lugar de onde falam esses autores-alunos. Os autores-alunos, que estão em fase de graduação, têm, na UNEMAT, a oportunidade de participarem do tripé no qual se baseia a instituição: ensino, pesquisa e extensão. Os alunos são motivados a participarem, visando a sua formação de maneira integral, o que irá repercutir na sua formação profissional.

Nós – instituição pública – somos pagos pela sociedade para pesquisá-la, ensiná-la e promovermos projetos comunitários. Na instituição, a pesquisa faz parte do cotidiano de professores e alunos. Agências financiadoras governamentais como Capes, CNPq, FAPEMAT ou mesmo organizações particulares fazem acordos com a Universidade a fim de promover estudos mais detalhados sobre questões diversas que afetam o nosso viver, o nosso planeta, o nosso universo.

Durante a realização das pesquisas, professores e alunos pesquisadores são obrigados pelas agências financiadoras a publicarem os resultados de suas pesquisas, de maneira parcial ou final. Todo o conhecimento produzido em uma universidade deve circular, tanto dentre seus pares, como também na sociedade como um todo, isto é, fora dos muros da comunidade.

Visando facilitar a compreensão sobre a pesquisa entre os leitores, a própria comunidade científica foi elaborando critérios de apresentação gráfica conforme os objetivos a que eram submetidos os trabalhos nos eventos científicos. Assim, temos os Relatórios, parciais ou finais, para as instituições financiadoras da pesquisa; temos modelos de Resumos ou Resenhas para Comunicações Orais, temos Painéis para as

² Referência à epígrafe deste Artigo.

Exposições, temos Monografias (que podem ser Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações, Teses, etc.), temos também Artigos, textos utilizados para a publicação em Revistas, entre outros. Como já dizia o professor Galliano, desde a década de 70, ao destacar a importância da divulgação científica e o cuidado com a linguagem nesse momento:

O conhecimento científico é propriedade de toda a humanidade e sua linguagem deve informar a todos aqueles seres humanos que tenham sido instruídos para entendê-la. Sua maneira de expressar-se é sobretudo informativa, não expressiva. Seu propósito é o de comunicar, não o de seduzir (GALLIANO, 1979, p. 34).

A *língua dos cientistas*, retomando ao título, usadas por alunos ou professores, tem como objetivo primeiro a informação; informar sobre todo o processo em que ocorreu determinada pesquisa. Ao informar, o autor se utiliza tanto do discurso científico quanto do pedagógico buscando fazer-se entender pelo leitor – buscando redigir um texto que não deixe dúvidas ao leitor.

Segundo Authier-Revuz (1998, p. 108-109, grifos do autor),

[...] nesse campo operam as representações do discurso científico de produção de conhecimentos e do discurso pedagógicos de transmissão institucional de conhecimentos, e relativamente a elas, que se constitui o discurso de divulgação, e que, pois, salvo colocando as essências “científicas” e “pedagógicas” no nível do discurso, não se pode apreender, a não ser historicamente, a função de um *discurso* de D.C. [divulgação científica] através de seu funcionamento.

No processo de construção de um artigo científico pelos alunos, que é o formato utilizado para a organização da revista *Eventos Pedagógicos*, a palavra *difícil* aparece no momento em que o aluno se coloca como escritor de um texto elaborado dentro de um contexto de cientificidade. Ao mesmo tempo em que existem regras a ser seguidas, tanto de redação quanto de formatação, o autor-aluno busca ser pedagógico. Para isso, o aluno insere em sua redação quesitos que a torne, para as outras pessoas, que estão fora dos muros da comunidade, compreensível. Seu objetivo é que os leitores, independente de suas áreas de conhecimento, entendam a sua pesquisa, desde o início com a seleção

do tema, passando pela pesquisa de campo, chegando à sua finalização – que os leitores entendam todo o processo realizado.

Os autores-alunos, esses *cientistas* produtores de conhecimento, lembrando o título, são graduandos acompanhados durante o curso por um professor-orientador e pelos professores que atuam nas disciplinas de Metodologia Científica, entre o 1º e o 7º semestres de Pedagogia.

As orientações de projeto de pesquisa ocorrem no curso de pedagogia a partir do quarto semestre. A defesa em banca acontece no quarto semestre e é composta pelo professor da disciplina de pesquisa, o professor orientador e mais dois professores avaliadores. A partir da defesa do projeto em banca o acadêmico vai para a fase do desenvolvimento da pesquisa de campo e, posteriormente, no sétimo semestre o acadêmico deve novamente passar em banca para defesa da monografia. A banca de defesa de monografia terá o mesmo formato da banca de defesa do projeto. Os resultados pertinentes à pesquisa desenvolvida são apresentados publicamente em evento denominado Eventos Científicos da Metodologia de Pesquisa (UNEMAT, 2005, p. 20).

As pesquisas individuais realizadas pelos alunos seguem critérios básicos e essenciais do que é aceitável como uma pesquisa científica: elas são realizadas a partir de uma teoria, um método, uma metodologia, a utilização de instrumentos de pesquisa segue os critérios estabelecidos pelo professor-orientador, a redação é adequada para um fim único – a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso, ou a monografia final de Especialização. Dentro do curso de Pedagogia, o aluno aprende a fazer pesquisa para, posteriormente, saber como realizar uma pesquisa em seu trabalho profissional.

Segundo o currículo do curso, a formação desse futuro educador passa pela seguinte configuração: ser professor reflexivo, ser professor pesquisador e ser educador na gestão e docência da educação infantil e anos iniciais. Sobre as ações do professor pesquisador tem-se:

Que possibilite ao professor em formação as leituras de realidades, a construção de olhares problematizadores, de atitudes reflexivas e de intervenções educativas nas práticas político-pedagógicas. A constituição dos tempos de investigação definir-se-ão em constantes interações com os espaços de ação-reflexão-ação: seja das disciplinas propriamente ditas e compostas por suas ementas, socializadas e

compartilhadas nas “jornadas pedagógicas”, cujos temas apresentam-se no decorrer dos semestres, numa perspectiva de inter e transdisciplinaridade; seja na participação de atividades que compõem o “programa de atividades diversificadas” (UNEMAT, 2005, p. 05).

Durante toda a graduação, há possibilidades para o aluno se inscrever em projetos de pesquisa que estão em desenvolvimento no *campus* de Sinop. Assim, em todos os projetos desenvolvidos pelos professores os alunos podem participar como bolsistas, projetos de monitoria, o projeto PIBID, entre outros.

Ao inscreverem-se nos projetos já existentes, os alunos podem realizar suas pesquisas sobre os trabalhos que desenvolvem como bolsistas ou monitores. Essa prática é incentivada pelos professores, que consideram o envolvimento do aluno como importante na formação final deste futuro profissional. No curso de Pedagogia, dentre as competências que contemplam o perfil do aluno estão duas que abordam diretamente o trabalho de pesquisa realizado durante o curso (UNEMAT, 2005, p. 06):

1. Desenvolver o ensino numa perspectiva investigativa, refletindo sobre sua própria prática docente, desenvolvendo saberes educacionais, a partir das questões nela experienciadas;
2. Desenvolver pesquisas no campo teórico-metodológico da educação e especificamente da docência.

Ao pensarem suas pesquisas, em um momento inicial, os assuntos que são apresentados como possibilidades de pesquisas apresentam algumas características que se repetem. Vejamos alguns:

Uma escolha temática inicial é sempre sobre alguma lembrança pessoal da própria escolarização ou de alguém próximo, como exemplos: podem ser sobre momentos agradáveis ou desagradáveis experimentados, situações de comparação entre a escolarização dos pais e a própria, situações familiares que interferiram na sua escolarização. Como futuros educadores, essas ações vividas passam a ser motivos de um olhar investigativo visando sua prática de docência nos espaços escolares.

Conforme os alunos cursam as disciplinas teóricas, as escolhas sobre os temas de suas pesquisas vão se modificando ou até mudando, como exemplo temos: indagações sobre a inclusão tecnológica, inclusão da língua brasileira de sinais, os períodos da infância, a ludicidade, a avaliação infantil, etc. O que era uma reflexão pessoal com

fronteiras dentro de algum momento vivido, própria, individual, passa agora a estar dentro de um contexto teórico – sai dos limites do *meu* tema e entra no *meu* estudo, *minha* pesquisa.

Outra possibilidade no processo de escolha temática é quando o aluno trabalha como bolsista ou monitor e se entusiasma pelos assuntos pesquisados no projeto de pesquisa dos professores ou nas escolas em que atua desenvolvendo atividades didático-pedagógicas. Quando o aluno se insere nos projetos dos professores, ele pode ter a experiência de participar de estudos interdepartamentais. Neste espaço, o aluno pode pesquisar sobre questões além das selecionadas pelos currículos de cada curso e podem desenvolver suas pesquisas com temas que envolvam dois campos teóricos.

É desses momentos, que refletidos pelo aluno, e acompanhado pelo orientador, que sai a escolha temática para as monografias de pesquisa. Geralmente o assunto é algo de fora dos muros da instituição e que desperta interesse de estudo pelo aluno. O aluno, dentro dos muros da instituição, com orientação de um professor, investiga, teoriza, propõe soluções, para esse assunto.

Ao trabalharem a redação de seus textos monográficos, os alunos nos apresentam de maneira escrita como eles produziram/produzem conhecimento e como eles transcrevem todo esse processo reflexivo para o papel. Neste momento, o professor-orientador fica atento às sessões que irão compor do TCC, a divisão dos temas que será estabelecida por capítulos, dando forma ao todo.

Durante a sua construção textual, a parte dedicada ao corpo teórico se faz com uma sequência de citações com os conceitos utilizados que demonstram a compreensão por parte do aluno pela teoria estudada. Nessa parte, o professor-orientador acompanha o processo de assujeitamento de seu orientado a uma formação discursiva teórica. Trazer o outro, chamar o autor, se apropriar de outras falas, são recursos que irão dar o suporte necessário para a apresentação dos conceitos estudados em sua pesquisa de campo. Segundo Fulano, de acordo com Cicrano, citações curtas ou longas, paráfrases, são alguns exemplos na construção desta parte textual.

Através dessa realização da enunciação, abre-se lugar para uma *configuração de papéis*, que “representa” a mediação: uma estrutura de três lugares com duas extremidades “A Ciência” e “o público leitor”, e, no meio, o divulgador. O primeiro lugar, aquele da *Ciência*, é ocupado por múltiplas pessoas que se exprimem, concretamente

identificadas. Estes numerosos nomes próprios, prestigiosos e intercambiáveis para o leitor-padrão, asseguram, tanto ou mais talvez que uma informação, um “efeito de real” e uma “animação” do discurso da Ciência, “abstrato ornamentado de plumas de concreto”, ao mesmo tempo em que sua autoridade produz uma garantia de seriedade na D.C. [divulgação científica] (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 114, grifos do autor).

Quando a pesquisa requer uma parte histórica sobre o assunto, o aluno tende, em um primeiro momento, a pensar que toda a informação histórica é importante. Como é sua primeira leitura sobre o tema, o aluno ainda não discerne o que é essencial para a compreensão do leitor sobre o assunto pesquisado e o que é informação secundária. É comum nesta parte da pesquisa, o orientador se deparar com sequências longas de citações históricas nos textos de seus orientados. Nesta etapa o orientador passa a ajudá-los a fazer a seleção do que é mais necessário para a compreensão da redação da pesquisa como um todo, e não somente na parte histórica da monografia.

Ao apresentar os capítulos referentes à pesquisa de campo sua escritura torna-se diferenciada: aqui o aluno escreve sobre o que ele fez e construiu, o que muitas vezes pode ser interpretado como uma escrita com maior liberdade. Cabe ao professor-orientador acompanhá-lo para que sua redação não caia em uma apresentação informal, sem a tessitura entre os elementos acompanhados na investigação e os conceitos estudados. É característica de alguns alunos pensarem que alguns momentos da pesquisa não precisam ou mereçam ser mencionados, pulando etapas do início ou do meio de sua pesquisa de campo e dando ênfase nos resultados finais. Cabe ao orientador estar atento à redação e trabalhar junto com o aluno esta construção, apresentando ao leitor todas as etapas da pesquisa de campo e suas particularidades.

Outra parte importante durante a construção textual é que a apresentação gráfica da monografia segue os parâmetros estabelecidos pela instituição. A formatação para a digitação busca ser padronizada, estabelecendo critérios que vão desde o papel utilizado até a encadernação final da monografia. A apresentação interna das várias sessões da monografia também segue critérios, tanto de objetivos quanto de formatação, e cabe ao aluno segui-las. São convenções que requerem dos alunos algum conhecimento de informática, de um programa de texto em formato documento (como o Linux ou o Word). No momento da digitação da pesquisa realizada pelo aluno, muitas das

correções realizadas pelo orientador são de ordem de formatação, uma vez que nem todos os alunos dominam esse conhecimento específico.

É importante nessa etapa final da pesquisa o aluno estar atento à publicação e divulgação da pesquisa realizada. O que produzimos na universidade é feito para ser divulgado – e o que produzimos é conhecimento. Nesse momento faz-se necessário a sua divulgação. Foi uma construção conjunta, entre orientador e orientando. Desde a seleção do professor-orientador, por escolha do aluno e/ou indicação do departamento, foi uma temática dentro da área estudada, realizada sob critérios metodológicos, dentro de um modelo de formatação institucional, avaliada por uma Banca Examinadora, sofreu revisão final, ou seja, passou por várias instâncias institucionais para se chegar nesse momento. O aluno trouxe de fora dos muros da instituição um objeto de estudo, pesquisou sobre ele (teorizou, refletiu, analisou, sintetizou, etc.), e agora devolve para a sociedade sua pesquisa.

É obrigação para formar-se deixar o texto final em local público e, na nossa instituição, deixa-se cópia na biblioteca da universidade. Mas, com as novas possibilidades de divulgação na rede mundial *online*, é possível deixar cópia digital dos trabalhos produzidos. Essa nova forma de divulgação é um instrumento de grande importância na circulação do conhecimento produzido.

Uma revista de divulgação científica, como é o caso da revista *Eventos Pedagógicos*, é o instrumento utilizado por várias universidades para socializar a produção de conhecimento produzida dentro da própria universidade ou fora dela. O formato de artigos passou a ser o mais utilizado neste meio.

No caso dos alunos que publicam na revista *Eventos Pedagógicos*, temos o diferencial de que o artigo é um recorte do trabalho de conclusão de curso. No momento em que os alunos, como escritores, estão construindo seu texto, o fato de que o artigo será publicado de uma maneira tão ampla, como na *internet*, os deixam atentos à construção de seu texto, uma vez que serão lidos por pessoas desconhecidas, de fora dos muros da instituição.

Como que um texto escrito em língua portuguesa se torna um texto em língua estrangeira quando passa para fora dos muros da academia? Durante o processo de constituição de um artigo científico, como ele se torna escrito em uma língua não-materna?

No processo de formação deste aluno em pesquisador, o aluno se apropria de um vocabulário específico de sua área de conhecimento. Ao escrever o seu artigo, o aluno tem que traduzir, digamos assim, os conceitos desse vocabulário para que outras pessoas possam ler e compreender o que se diz sobre esse assunto específico. Isso é difícil, trabalhoso, demanda um processo de aprendizagem na escrita do texto científico.

Esse trabalho do aluno visando o público-leitor tem sua importância.

Todo discurso, certamente, assimila a imagem de seu destinatário e por isso constrói uma imagem daquele; é próprio da D. C. [divulgação científica] de assim o fazer explicitamente, propondo ao destinatário, por pequenas marcas no fio dos artigos, um retrato bem preciso com o qual se identificar, confortavelmente, verdadeiramente feliz: aquele de um homem aberto, curioso pelas ciências, inteligente, e ainda consciente da distância que o separa dos especialistas, estimável “honesto homem” contemporâneo. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 114, grifos do autor).

Transformar um texto científico também em um texto pedagógico é um trabalho que o aluno-escritor deve estar atento. E buscamos isso em sala de aula. Durante o processo de escrita, vários colegas atuam como leitores que, com suas perguntas, ajudam o aluno-escritor em sua redação. Sintetizar em algumas páginas uma pesquisa de anos não é tarefa fácil, demanda crescimento textual. Ao aluno, que tem poucas horas durante a disciplina para fazer isso, recebe ajuda de seu orientador, que assina junto o artigo final a ser publicado, e dos colegas, que lêem junto em sala de aula.

A preocupação do outro-receptor, tão ostensivamente manifestada no trabalho de simplificação de “tradução”, instaura uma relação pedagógica [...] entre os dois, compreensiva, quase sedutora na sua cumplicidade, uma figura desenhada-se, esforçando-se por aplinar o caminho do saber [...] (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 124, grifos do autor).

Após os artigos realizados, vem o momento de postarem na plataforma da revista e organizarem a revista como um todo. Os alunos aprendem como montar uma revista de divulgação científica. Iniciamos pelo cadastro de todos, pela submissão, pelo

recebimento do aceite para divulgação e, posteriormente, com o lançamento da revista, em um evento de iniciação científica.

Conclusão: trabalhando com a ideia de uma revista-escola

Ao trabalhar com a disciplina de Eventos o professor se insere no contexto acadêmico da publicação e da divulgação do conhecimento produzido pelos alunos do curso. A revista *Eventos Pedagógicos* se torna um forte aliado do professor nesse momento: esse instrumento, digamos assim, é utilizado pelo aluno para aprender sobre uma ação que fará parte de seu cotidiano futuro profissional – pesquisar e divulgar o que se estudou. A ação de escrever e publicar.

Essa é uma das propostas da Revista *Eventos Pedagógicos* – a de ser uma revista-escola, em que os alunos tenham essa experiência do que é a produção de um texto científico em divulgação *online* (aberta, para todos). Esse é o primeiro passo para a formação de um divulgador de sua produção de conhecimento para além dos muros institucionais.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A encenação da comunicação no discurso de divulgação científica. In: _____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. p. 107-131.

GALLIANO, A. Guilherme. *O método científico: teoria e prática*. São Paulo: Mosaico, 1979.

UNEMAT. Faculdade de Educação. Departamento de Pedagogia. *Reestruturação Curricular do Curso de Pedagogia*. Campus Universitário de Sinop, Sinop, 2005.

THE LANGUAGE OF SCIENTIFIC COMMUNICATION: A STUDY ABOUT THE PUBLICATIONS IN THE “EDUCATIONAL EVENTS” MAGAZINE

ABSTRACT

This article deals about the experiences the professor who organizes the Educational Events magazine goes through. The referred magazine is published by the Education Department of Sinop University Campus - UNEMAT and is organized from the articles produced by the 7th term of Education concerning the researches they have carried out aiming the Course Conclusion Work, as well as the community articles. This text refers to the academic context generated while organizing a magazine edition when the students stand as the authors of a scientific article, as divulging scientists of their own production and as the organizers of a publication.

Keywords: educational events magazine, scientific articles, scientific language.